

Opinião

CORAÇÃO, CABEÇA E ESTÔMAGO

A historiadora Bonifácio e a respectiva clientela da academia estão longe de poder ser consideradas uma escola de virtudes liberais. Sempre viveram à sombra e à custa da bananeira estatal, ao menos para manterem o seu prestígio e a sua importância na sociedade

0 Naufrágio intelectual

PARA QUÊ MENTIR? Na semana passada, perdi uns bons dois minutos a ler o texto que Maria de Fátima Bonifácio deu à luz no jornal *Público* (é costume acontecerem-me coisas assim, que eu próprio não consigo explicar).

As crónicas de Bonifácio são como aqueles filmes em que passados três minutos já mudámos várias vezes de posição na cadeira, com a inequívoca sensação de estarmos a perder lamentavelmente o nosso tempo.

De há muitos anos para cá, Bonifácio distingue-se por retomar velhas teimosias e repetir fórmulas vazias. Não é necessário grande esforço de análise para observar que Bonifácio sente prazer em espraiar-se nas mesmas banalidades, nas mesmas alusões, no mesmo deserto de ideias.

Como aqueles bimbos que vão num automóvel e não param de perguntar se já chegámos, Bonifácio sente um descomunal aborrecimento consigo própria e resolve maçar-nos com o seu tédio. Depois, como o seu pensamento assenta numa coerência neurótica que elimina tudo o que a possa pôr em causa, Bonifácio converteu-se numa mulher amarelecida, absolutamente incapaz de detectar uma contradição ou uma incongruência.

Sejamos claros. O que arrebatou a alma e incendeia a escrita de Bonifácio é o ataque impiedoso às clientelas parasitárias que mamam à vontade na teta gorda do Estado.

Dilacerada pelo ódio ao Estado, a cabeça de Bonifácio parece amarrada a uma nória: por mais voltas que dê ao mesmo tema, não consegue ver a sua própria imagem nesse espelho.

Porque, enfim, o horror de Bonifácio ao Estado é muito afirmado mas pouco praticado, é muito proclamado mas pouco levado à prática.

Por mais que isto lhe custe a reconhecer, dificilmente poderíamos imaginar uma trajectória mais dependente do erário público que a de Bonifácio. Em 1978, instalou-se no Gabinete de Investigações Sociais (GIS) — reciclado, em 1981, em Insti-

tuto de Ciências Sociais (ICS), onde se manteve como investigadora até atingir a idade da reforma — e em 1980 tornou-se professora na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, cargo que exerceu até 2006.

Na FCSH e no ICS, Bonifácio conheceu por experiência directa algumas clientelas do funcionalismo que durante décadas comeram da manjedoura do Estado, mas nunca as denunciou, nunca lhes deu nome nem rosto. Pelo contrário, serviu-se delas para se proteger e para se promover (ao ponto de se ter transformado num subproduto delas, numa sua versão requeitada).

Muitos dos investigadores a que Bonifácio se ligou, e que conheciam (e conhecem) bem os manejos das engrenagens do paternalismo estatal, atingiram o cume da carreira sem terem cumprido os requisitos mínimos — em termos de produção científica em revistas e editoras internacionais, de acompanhamento e orientação de estudantes de doutoramento ou sequer de assiduidade no local de trabalho — que seriam exigidos a alguém que sempre beneficiou da estabilidade e da segurança de um emprego e de um salário, com direito a subsídios e a segurança social. O certo é que, apesar da sua negligência profissional, da sua incompetência auto-satisfeita e do seu alucinado espírito de clã, o Estado nunca lhes faltou.

A aversão ao Estado, pelo seu peso excessivo, pertence a uma tradição intelectual bem mais antiga, de que António Sérgio, no século XX, é um dos seus conspícuos representantes. Mas Sérgio, pelo menos, nunca dependeu do Estado: durante toda a



0
 Escritor e sociólogo
João Pedro George



MISS INES

vida sobreviveu da escrita e da sua iniciativa individual (em muitos e significativos momentos, a sua principal ou única fonte de rendimentos foi a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, de que foi director e para a qual escreveu dezenas, ou mesmo centenas, de verbetes).

Se há coisa que notoriamente se concluiu nesta pandemia é que precisamos de mais investimento do Estado, sobretudo nas áreas da Educação e da Saúde. Como para Bonifácio devíamos ter menos Estado, que propõe ela neste contexto? Que devia ser o mercado a organizar o plano de vacinação? Muito provavelmente.

Na crónica do *Público* em questão (11 de Fevereiro), afirma Bonifácio: "Nós não estamos preparados para abdicar de direitos e privilégios acumulados ao longo de décadas. Mas mais tarde ou mais cedo, e mais cedo do que tarde, teremos de renunciar a alguns deles, a menos que um crescimento milagroso de 4 ou 5% ao ano nos permitisse pelo menos adiar as reformas." Nisto, dou-lhe toda a razão, desde que ela própria comece por dar o exemplo, abdicando da sua reforma como funcionária pública. Seria um acto de simples decência in-

tellectual, que ficaria como preceito para a matilha de tecnocratas, empresários e directores executivos para quem o neoliberalismo é indiscutivelmente o modelo económico a seguir.

A historiadora Bonifácio e a respectiva clientela da academia estão longe de poder ser consideradas uma escola de virtudes liberais. Sempre viveram à sombra e à custa da bananeira estatal, ao menos para manterem o seu prestígio e a sua importância na sociedade.

Bonifácio pode continuar a vociferar e a gesticular contra as clientelas do Estado, repetindo coisas óbvias até ao dia do juízo final, porém, enquanto não proceder a um trabalho reflexivo de autocritica da sua prática, nunca passará de um verbo de encher.

Os textos de Bonifácio repercutem todos o mesmo pessimismo apocalíptico, o mesmo espírito fúnebre dos obituários: Portugal precisa de uma vassourada de alto a baixo, a nossa existência como Nação autónoma tornou-se inviável, Portugal é um edifício desconjuntado e em derrocada, etc.

A tisana do pessimismo de Bonifácio pouco adianta, não traz nada de novo ou de original. Bem ao contrário, é um sintoma de apatia e de falsa consciência, um mero automatismo de repetição. O qual, como explica o Dr. Freud, faz com que o ser humano esteja longe da ideia de liberdade de escolha, o que não deixa de ser curioso numa historiadora que acredita cegamente na ideia de uma natureza humana completamente autónoma e submetida exclusivamente às suas próprias leis...

Oliveira Martins dizia que o "pessimismo constitucional do carácter português" e "as feições da apática fisionomia nacional" são uma e a mesma coisa, esbracejam no mesmo lago de água estagnada, pobre de oxigénio. Eis a chave para perceber o naufrágio intelectual de Maria de Fátima Bonifácio. ☹

Texto escrito segundo o anterior acordo ortográfico

